

MARXISMO E HISTÓRIA

A. DE ABREU FREIRE

É intenção do autor, através de pesquisa que pretende ser igualmente uma aproximação do problema da sociologia como ciência, tratar do problema da História em MARX. Tenta assim uma espécie de epistemologia descritiva e crítica do materialismo histórico e dialético. Analisa até que ponto o marxismo comporta as exigências críticas de uma ciência histórica.

QUASE tôda a obra de MARX tem por objeto o que êle mesmo chama a pré-história do homem; marxólogos de tôdas as tendências são unânimes em reconhecer que esta descrição da pré-história é condição mesma da visão da História. HENRI LEFEBVRE, fiel ao pensamento do mestre, explicita que MARX fêz passar a Ciência em geral, e a Filosofia em particular, da pré-história à História; ROGER GARAUDY esclarece que foi MARX quem, finalmente, fêz desaparecer a confusão entre o humano e o desumano, e rompeu enfim as trevas da ignorância pela aplicação à ciência e em ciência do método dialético. Como nota igualmente CHARLES WACKENHEIM, MARX fornece-nos um saber e uma receita capazes de resolver o enigma da História.¹ O saber chama-se materialismo histórico; a receita é a revolução comunista.

¹ CH. WACKENHEIM, *La faillite de la Religion d'après K. Marx*, Paris, PUF, 1963, págs. 318-319.

Efetivamente, quando da redação de *A Ideologia Alemã*, a História era, para MARX, a ciência por excelência, o cúmulo de todo o conhecimento racional e científico.

Com a sociedade burguesa termina o estado pré-histórico da sociedade humana, diz MARX. Com o materialismo, realizado na Revolução comunista, inicia-se a autêntica fase da História. Foi ENGELS quem em 1892 classificou o pensamento de MARX de "Materialismo Histórico".²

O Materialismo Histórico, filosofia do comunismo, apresenta-se como uma "concepção do mundo" que não se limita a uma atitude, mas implica uma ação.³ ROGER GARAUDY não hesita em fazer apêlo a termos bem mais eloqüentes: "O marxismo forma hoje, de fato, o único sistema de coordenadas que permite situar e definir o pensamento, seja em que domínio fôr, desde a economia política à física, desde a História à moral".⁴ "O materialismo de MARX, escreve MAXIMILIEN RUBEL, pretende-se uma teoria geral da sociedade, um método de explicação sociológica da História humana, que não se limita a ser uma tradução ou uma interpretação, mas que se pretende um processo dinâmico de transformação".⁵

A originalidade fundamental da obra de MARX consiste na "integração das manifestações parciais da realidade social nos *quadros totais* cuja explicação pode ser encontrada nos confins da História e da análise estrutural".⁶ "Tôdas as obras históricas" —acrescenta ainda G. GURVITCH— "não foram senão pesquisas de materiais concretos para a sua sociologia, e esforços para fazer colaborar na explicação a sociologia e a história". Neste aspecto, a originalidade de MARX aparece, ainda aos olhos de H. LEFEBVRE, no fato de ter fundado uma *sociologia científica* sôbre o *materialismo histórico*. Êsses dois termos seriam apenas dois aspectos diferentes de uma mesma pesquisa.⁷ O *materialismo histórico* engloba o processo da descoberta do papel histórico do

² F. ENGELS, *Socialism Utopian and Scientific*, Introduction.

³ H. LEFEBVRE, *Le Marxisme*, "Que sais-je?", PUF, pág. 7.

⁴ Artigo em *L'Humanité* de 27-V-1953.

⁵ M. RUBEL, K. MARX, *Essai de biographie intellectuelle*, Paris, 1957, pág. 171.

⁶ G. GURVITCH, *Traité de Sociologie*, I, pág. 37.

⁷ H. LEFEBVRE, *op. cit.*, pág. 20.

proletariado na transformação da sociedade (do homem-sociedade, ou seja do homem como ser-genérico).

1. FILOSOFIA E REVOLUÇÃO

O enunciado da tese XI sôbre FEUERBACH pode servir-nos como um primeiro elemento para abordar o tema que nos propomos: "Os Filósofos ocuparam-se até hoje de interpretar o mundo; é preciso transformá-lo".

A História é o mecanismo em ato desta transformação. A Filosofia é a tomada de consciência da necessidade de determinado mecanismo da História, e nessa tomada de consciência já se encontra uma atitude de transformação. MARX rejeita uma outra forma de Filosofia, a Filosofia não crítica, isto é, a Filosofia que interpretava o mundo, que era um reflexo de um mundo cruel, desordenado, irracional, uma filosofia fechada sôbre um idealismo imaginativo. Tal Filosofia não passa de um reflexo parasitário e mórbido da realidade social. MARX chama esta Filosofia de ilusão, fantasmagoria, mistificação, especulação, e cêrca dos 45, *ideologia* (A Ideologia Alemã).

A *Ideologia* MARX opõe a Filosofia que descobre o sentido da História, que projeta, para além das situações alienadas do presente, o ideal racional de uma sociedade e de um homem realizados plenamente. Essa projeção é a condição indispensável da transformação do homem alienado em ser-genérico.

A tomada de consciência da situação *de fato* do presente implica como sua contradição dialética uma situação futura *de direito*. MARX atribui à Razão a capacidade indiscutível e a função original de descobrir as condições desta situação *de direito*. A Razão é, dêste modo, Praxis.

O materialismo histórico de MARX é uma filosofia do homem lançado na conquista da natureza e do seu *ser-genérico*. Tal perspectiva é hegeliana, como nota J. HYPPOLITE;⁸ MARX substitui a "consciência de si" pelo termo "homem", e a "idéia absoluta" pelo conceito de "ser-genérico"; depois, põe êsses dois têrmos (homem e ser-genérico) em igualdade.

⁸ J. HYPPOLITE, *Logique et Existence*, Paris, PUF, págs. 234-235.

Dêste modo, pretende escapar ao idealismo hegeliano e estabelecer o materialismo (sinônimo de realismo na sua linguagem), invertendo os termos hegelianos. A História é a realização do homem como ser genérico, como humanidade concreta; é a gênese do homem como um ser auto-suficiente, que parece ser igualmente absoluto; é a gênese de um homem-sociedade auto-subsistente. Tal nos parece poder classificar-se de uma "metafísica da História". Nesta classificação fazemos entrar a perspectiva moral que o marxismo de MARX oferece em sua visão linear e progressiva da História, dominada por um ideal de Justiça, o ideal do reencontro da essência perdida do homem, da sua realidade de ser-genérico.⁹

Dois pontos essenciais nos são claros desde já:

1. Filosofia e História formam em suma uma mesma realidade. Uma e outra são projetivas, escatológicas, lineares, progressivas, em função de um futuro que se apresenta como uma realização do homem. A inversão operada por MARX nos elementos do hegelianismo manifesta-se particularmente na concepção da História; à visão cíclica da História MARX substituiu uma visão linear e progressiva, evolutiva. No discurso sobre o túmulo de MARX, em 17 de março de 1883, ENGELS diria: "tal como DARWIN descobriu a lei da evolução da natureza orgânica, assim também MARX descobriu a lei da evolução histórica humana". Esta lei da evolução encontra-se no seio mesmo dos princípios do que ENGELS chamaria, em 1892, o "materialismo dialético e histórico". Da História MARX pretendeu fazer a Ciência por excelência, a ciência do Homem-Genérico, a Sociologia; ENGELS acrescentava: "A ciência era, para MARX, uma força revolucionária, historicamente dinâmica".

2. O desenvolvimento histórico da humanidade não é diferente nem separável do desenvolvimento econômico.¹⁰ Uma das características da nova Ciência é exatamente a im-

⁹ Este último aspecto foi especialmente tratado por R. TUCKER, *Philosophy and Myth in K. Marx*, Cambridge, USA, 1961, e M. RUFEL, *Essai de biographie intellectuelle*, Paris, 1957.

¹⁰ Cf. em especial a II Carta a Annenkov in *Oeuvres*, Paris, Gallimard, 1963, pág. 1 440.

plicação da economia nas próprias formas de consciência e em suas realizações históricas. A implicação das forças produtivas no processo do comunismo é uma das garantias de seu processo irreversível.

A Ciência de MARX é uma ciência de transformação, a ciência do progresso linear da desalienação do homem, e tal desalienação só se pode operar por um processo revolucionário. A revolução aparece aos olhos de MARX como uma necessidade histórica. "Pois MARX", continua ENGELS, "era, antes de mais nada, um revolucionário. Sua verdadeira missão na vida era contribuir, de um modo ou de outro, para a derrubada da sociedade capitalista e das instituições estatais por estas suscitadas, contribuir para a liberdade do proletariado moderno, que *êle* foi o primeiro a tornar consciente de sua própria posição e de suas necessidades, consciente das condições de sua emancipação. A luta era seu elemento".¹¹

MARX pretende conduzir o homem a uma vivência nova, total, radical. Seu programa é um programa sócio-histórico que pretende transformar o homem não somente em suas instituições, em seus modos de vida social, como também em suas formas de consciência; MARX pretende levar o homem a encontrar certa "essência perdida", a recuperar o humano autêntico. Tais são os elementos essenciais dos *Anais Franco-Alemães* e dos *Manuscritos* de 1844. O que resta em causa, o que é necessário discutir, é o caráter do humano de que fala MARX.

Dentro da mesma inspiração, que é a de MARX, os marxistas atuais rejeitam, como H. LEFEBVRE, uma economia que se limite a ser uma psicologia econômica, uma sociologia que se limite a uma sociografia. Todo movimento econômico, toda atitude social, se enquadram, necessariamente, numa contextura histórica. Toda atitude humana, seja ela econômica, política, social, religiosa, psicológica, se se enquadra necessariamente numa dimensão histórica a que LEFEBVRE não hesita em chamar de ética e mesmo metafí-

¹¹ Cf. êstes trechos em tradução portuguesa na obra de ERICH FROMM, *O Conceito Marxista do Homem*, Zahar ed., 2.^a ed., Rio, 1962, págs. 231-232.

sica.¹² Todos êsses elementos são modalidades de existência, são formas de coexistência, de colaboração e de coparticipação, a serem integrados numa nova Ciência Humana. Tal nos parece ser a intuição mais genial, e a mais problemática que MARX nos deixou.

2. O PROCESSO DA HISTÓRIA

Na primeira parte da *Ideologia Alemã*, MARX descreve os momentos da História. O primeiro momento é a produção dos meios de subsistência, "a produção da própria vida material";¹³ um segundo momento, correlativo do primeiro, é a satisfação das necessidades. Ao mesmo tempo que a produção de um meio de subsistência proporciona a satisfação de uma necessidade, a satisfação por sua vez faz surgir nova necessidade. Êsses dois momentos constituem o "primeiro fato histórico". O terceiro momento da História é a produção da vida. Êste momento, que constitui o "segundo fato histórico, é um momento duplo: a produção da vida significa autocriação do homem, como ser-genérico, pelo trabalho, e a criação de outrem como ser humano, pela procriação. Inerente ao ato mesmo do trabalho MARX descobre a dimensão social, e parece ser a êste nível que fala de *autocriação do homem*. Êste "momento" social supõe dentro do mesmo fato histórico um quarto momento, que é a existência de "fôrças de produção", base real das relações sociais e das formas de consciência.

Existe ainda um quinto momento e terceiro fato histórico, original, a "descoberta" da consciência humana, que se apresenta, desde o primeiro fenômeno de sua expressão, como um produto social, pelo fato mesmo de se exprimir por intermediário do fenômeno social da linguagem. A consciência é dinâmica; ela progride, toma novas formas, conformemente ao desenvolvimento das fôrças produtivas. A cada fase do desenvolvimento das fôrças produtivas, corresponde determinada fase de formas de consciência. Quando as fôrças produtivas que lhes deram origem desaparecem e

¹² H. LEFFEVRE, op. cit., págs. 49 e ss.

¹³ *Ideologia Alemã*, ed. Sociales, Paris, 1962, pág. 25.

são substituídas por outras, as formas de consciência entram em conflito com as novas forças produtivas. Da resolução dêste conflito resultarão novas formas de consciência. A História é a sucessão dinâmica das forças produtivas e das formas de consciência; a dinâmica da História encontra-se condicionada pelo conflito entre êstes dois elementos.¹⁴

Tal é o que poderíamos chamar o esqueleto lógico, formal, da visão marxista da História. Vamos em seguida analisar quais são os elementos *práticos* dêste formalismo.

MARX, como vimos, concede à Filosofia a função nobre de transformar o mundo;¹⁵ o mecanismo em ato desta transformação é a História. Esta começa após a idade *burguesa ou capitalista*, que sucede às três outras idades da pré-história que são, por ordem retrospectiva, a idade *ieudal ou dos servos, antiga ou da escravatura, oriental ou patriarcal*.¹⁶

A pré-história levou o homem a um conflito *radical*, a uma separação que o atinge no seu *ser* mesmo. *De direito*, o homem é um *ser-genérico*, nos diz a Razão marxista; o processo pré-histórico levou-o a uma *separação* (*Entfremdung*) desta sua essência *de direito*. O homem encontra-se *alienado* da sua essência *de direito*; a história, que começa após a última fase da pré-história (a sociedade burguesa ou capitalista) é o processo da desalienação, a seqüência linear da revolução transformadora. Nesta sua "visão da História" MARX retoma um dos elementos típicos dos historiadores franceses, a idéia do progresso para determinada perfeição, o progresso linear de um materialismo dirigido.¹⁷

Vejamos agora como se opera a desalienação.

Dois elementos essenciais entram em jôgo no processo de desalienação: a luta de classes e a dialética das forças de produção e das formas de relações sociais.

"Tôda a História, diz MARX no Manifesto Comunista, é a História da luta de classes...". ENGELS corrigiu:

¹⁴ *Ideologia Alemã*, op. cit., págs. 36 e ss.

¹⁵ Tese XI sobre FEUERBACH.

¹⁶ *Critique de l'Economie Politique*, in *Oeuvres*, Paris, Pleiade, Gallimard, 1963, pág. 273.

¹⁷ F. F. MANUEL, *Shapes of Philosophical History*, Stanford Un. California, 1965.

“Tôda a História escrita . . .”. LENINE achou prudente especificar melhor os dados históricos: “A História inteira, à exceção da comunidade primitiva . . .”. O ensino oficial do Comunismo internacional exprime-se nestes têrmos: “A História da sociedade exploradora (industrial) . . . a luta de classes impregna tôda a história da sociedade exploradora”.¹⁸ AFANASSIEV acrescenta, com um tautologismo um tanto bizarro: “A história das sociedades de classes antagônicas é a história da luta de classes”.¹⁹

Para MARX, a luta de classes era o elemento motor da História, do processo de desalienação;²⁰ as fôrças de produção representavam a *base real* dêste processo.²¹ Se, para o marxismo atual, a luta de classes continua a ser o motor da História (do processo de desalienação), somos levados a formular ao marxista uma questão de princípio, a saber: *que é uma classe social?* Na resposta a esta questão se encontra um dos pontos fracos fundamentais do marxismo (e não só do marxismo, como também de sociólogos não marxistas). Nem MARX, nem o marxismo atual nos deram até hoje uma noção clara e precisa do que vem a ser uma classe social. Ninguém ousa negar a existência de classes sociais, mas até hoje não parece ter havido um acôrdo mesmo de princípios entre sociólogos, sôbre os critérios de descrição de uma *classe social*.

Sendo assim, se se pretende basear a história sôbre a luta de classes, perguntamos como é que tal atitude pode ser tomada como científica, satisfazendo às exigências, que o marxismo pretende ser o único a comportar de realismo (materialismo) e rigor científico?

Resta ao marxista atual outra proposição, a de considerar a luta de classes condicionada pelas fôrças de produção e de fazer das *fôrças de produção* o motor da História. Tal é a posição de P. FOUGEYROLLAS, que escreve: “O progresso das fôrças produtivas cria, em certas condições his-

¹⁸ *Princípios do Marxismo Leninismo*, Moscou, ed. francesa, pág. 150.

¹⁹ AFANASSIEV, *Principes de la Philosophie*, ed. francesa, pág. 321.

²⁰ K. MARX, carta a ANNENKOV, *Oeuvres*, Paris, Gallimard, 1963, pág. 1 448.

²¹ K. MARX, *ibidem*, pág. 1 439.

tóricas, as condições *necessárias* da revolução social; é na luta de classes que se estabelecem as condições *suficientes*".²²

Podemos dizer que para MARX o motor da História é o conflito, ou antes, a dinâmica social que o conflito comporta. O conflito apresenta-se como uma disparidade e desordenação entre as novas forças produtivas e os quadros sociais criados pelo estado anterior de produção. Paralelamente, mas a um nível diferente, o mesmo conflito manifesta-se entre uma situação histórica *de fato* do homem separado da sociedade, alienado do seu ser-genérico, e uma situação *de direito* que a razão livre descobre, e que se apresenta como a recuperação da essência perdida do homem. O conflito é, portanto, um vasto conflito, que se situa nos confins da economia e de uma determinada metafísica, se bem que este termo não agrade aos marxistas; êle se manifesta sobretudo de duas maneiras: a relação entre as forças de produção e uma determinada situação de classe (s), e a relação entre o *homem-indivíduo de fato* e o *homem-genérico de direito*. A base real desta segunda manifestação de conflito é primordial na descrição da História e no processo social.

A luta de classes continua sendo, assim, uma dialética imanente à situação social, e o argumento do devenir da sociedade, do seu progresso para uma "perfeição" cada vez maior; acontece que esta dialética é o resultado de determinado regime de produção²³ e que esta "perfeição" social se apresenta aos olhos de eminentes marxólogos dentro de uma perspectiva ética de Justiça.²⁴

Se a luta de classes é o argumento do devenir social, da História, o motor desta História encontra-se no progresso técnico. A luta de classes é a expressão social da contradição entre as forças de produção e as classes sociais.²⁵ É o progresso das forças produtivas que determina a caducidade de um certo tipo de sociedade. A luta de classes, não sendo a

²² P. FOUGEYROLLAS, *Le marxisme en Question*, Paris, Seuil, 1957, pág. 34.

²³ P. FOUGEYROLLAS, *op. cit.*, pág. 71.

²⁴ Cf. M. RUBEL e em especial R. TUCKER, *op. cit.*, págs. 73 e ss.

²⁵ P. FOUGEYROLLAS, *op. cit.*, pág. 34.

fonte das contradições, limita-se a ser um (o) meio de resolvê-las.

Para FOUGEYROLLAS, tal perspectiva não cai forçosamente num determinismo econômico, pois são os homens que agem no seio das lutas de classe.²⁶ Pretende dêste modo FOUGEYROLLAS integrar na História o fator subjetivo, que existe na própria energia motriz das forças produtivas. No entanto, a conclusão que se encontra incluída nos elementos dados, parece-nos ser logicamente diferente: é lógico dizer-se que a manifestação do conflito entre o *homem de fato* e a sua essência genérica *de direito*, será resolvida ao mesmo tempo que a resolução do conflito entre as forças de produção e a situação de classe (s). Nesta afirmação, que pertence de direito ao materialismo dialético, não nos encontramos certamente dentro de um determinismo econômico, mas também não fica por tanto definido e justificado o fator subjetivo no seio do elemento motor da História. Não vemos em que é que o fator subjetivo possa dêste modo ter em História um papel preponderante. FOUGEYROLLAS fala em termos de *subjetivismo*, e outros autores, como, por exemplo, ERICH FROMM, em termos de interpretação *antropológica* da História.²⁷ Tudo não passa de uma simples questão de terminologia, e o que acabamos de dizer aplica-se, *mutatis mutandis*, ao fator *antropológico*.

Parece-nos que a verdadeira questão que se põe, não é de *escolher* entre um "determinismo econômico" e um "voluntarismo de classe". Há lugar para um *determinismo técnico*, por exemplo, que apesar de não ser econômico, não deixa de ser um *determinismo*. Poderíamos exprimir-nos igualmente em termos de um "determinismo das forças produtivas" sobre a trama das lutas de classe. Para MARX, o desenvolvimento e progresso constante das forças produtivas é condição da vitória universal do comunismo. Mas toda a questão, em sociologia, está em descrever que tipo de relação existe entre elementos desta vitória e as forças de produção. Ora esta relação apresenta-se hoje ainda em termos de questão, em termos de uma hipótese. . .

²⁶ P. FOUGEYROLLAS, op. cit., págs. 35 e 79.

²⁷ E. FROMM, op. cit., págs. 23-24.

É certo que tôdas as fôrças produtivas são ocasionadas por uma situação produtiva anterior (situação social, situação técnica e mesmo motivação psicológica), mas em História tudo não se passa em têrmos de relações de causa a efeito. A causalidade e o determinismo não são absolutos em História. Há lugar para a *invenção*, e não sòmente para a invenção técnica, como também para a invenção de processos sociais. Pertence à sociologia de descrever, *post factum*, até que ponto todo e qualquer evento, que surge sempre aos olhos do sociólogo como uma *invenção*, é condicionado em seu processo de surgimento e no método da sua integração no seio de um grupo organizado. Mas sempre começa por ser uma hipótese.

Se nos situamos dentro da perspectiva de FOUGEYROL-LAS, escaparemos por um salto ágil de imaginação a ter de afirmar um determinismo econômico das lutas de classe (s), o que não significa que estejamos livres do determinismo das fôrças de produção; nem podemos considerar justificado e esclarecido o fator subjetivo (ou antropológico) no processo histórico.

A questão verdadeiramente científica que se nos põe, hoje, consiste em constatar que fôrças de produção *existem hoje* e que formas sociais lhes correspondem. Uma vez esclarecido êste trabalho do economista e do sociólogo o historiador tem o seu lugar no esclarecimento do problema seguinte: verificar se *num* tempo passado se encontra uma relação entre as fôrças e as formas de produção, correspondente e correlativa à relação atual. Finalmente, um terceiro trabalho se impõe, de nôvo ao sociólogo, o de saber em que têrmos científicos se põe o problema do condicionamento das formas sociais pelas fôrças de produção em geral (dentro da experiência histórica) e de tentar esclarecer a parte que existe de condicionamento e de eventual criação. Talvez que, prosseguindo êste método, se possa encontrar um critério concreto para uma descrição do que é *uma classe social*.

Uma tal questão científica ultrapassa inteiramente a perspectiva do materialismo histórico, não sòmente como doutrina, mas mesmo como hipótese. Na medida em que o

socialismo pretende significar "a ordem social que permite o regresso do homem a si mesmo, a identidade entre existência e essência, a superação do isolamento e antagonismo entre sujeito e objeto, a humanização da natureza (...) um mundo onde o homem não é mais um estranho entre estranhos, mas está no mundo *dêle*, onde se sente em casa", ²⁸ na medida em que êle pretende ser a resposta ao enigma da História, tal hipótese de trabalho, *enquanto hipótese*, é altamente digna, nobre, justa. Mas não basta a nobreza de uma hipótese para justificar *ipso facto* um método, ou os elementos em questão.

A sociedade humana é sem dúvida transformada pela contínua confrontação das forças de produção e das formas sociais. "A unidade entre relações e forças de produção é sempre destinada a ser historicamente ultrapassada e indefinidamente reconstruída". ²⁹ A História social da humanidade é um processo sem fim dominado pela tendência das formas de relações sociais a corresponder ao nível das forças de produção em progresso indefinido. ³⁰ Aqui se põem, no entanto, uma questão sociológica e uma questão histórica. A questão sociológica consiste em saber em que termos se põe a confrontação das formas sociais e das forças de produção, e quais são os fatores do progresso indefinido da sociedade. A questão histórica consiste em examinar se os elementos da correspondência progressiva, linear e indefinida, são contantes em História.

Postas tais questões, temos o direito de perguntar se o materialismo histórico possui as condições críticas de uma sociologia científica, de uma "sociologia total".

3. OS DOGMAS DO MATERIALISMO

Vimos os problemas que se nos põem, em sociologia e em História, com os dois elementos essenciais do processo histórico do materialismo dialético, a *luta de classes* e as *forças de produção*. Resta-nos analisar outros dois mais

²⁸ E. FROMM, op. cit., pág. 73.

²⁹ P. FOUGEYROLLAS, op. cit., pág. 36.

³⁰ *Ibidem*.

fundamentais, a questão das premissas do *materialismo* e a questão mais complexa do valor da *dilética*.

O MATERIALISMO de MARX implica essencialmente três afirmações básicas, que possamos a analisar.

1. Em suas relações com a natureza o homem distingue-se de todo e qualquer outro ser pela sua *autocriação*. Produzindo os meios de sua subsistência, êle produz-se, autocria-se, afirma-se como auto-subsistente.

Em suas relações com a natureza o homem estabelece relações com os outros homens; êle realiza e descobre a sua essência ontológica de *ser-genérico* (*ser-espécie*). A primeira afirmação do materialismo, a sua originalidade fundamental, está na afirmação da auto-suficiência do homem como *ser-genérico*. "O que distingue o marxismo de tôdas as formas anteriores de materialismo, está em que êle toma como ponto de partida o *ato criador do homem*".³¹

A experiência original desta auto-suficiência, o processo histórico da autocriação, encontra-se no fato e no exercício do trabalho, mediação concreta e ativa entre o homem e a natureza. O trabalho não se limita a um processo individual, mas é essencialmente um processo social. Como o sujeito operante, o trabalho é um processo genérico.

Vejamos como se opera a descoberta e a descrição desta afirmação básica. No primeiro manuscrito de 1944 (*Trabalho alienado*), MARX descreve o trabalhador como separado (*alienado*) dos produtos do seu trabalho,³² e de sua própria atividade produtiva.

A situação do trabalhador é tal que êle não pôde realizar sua essência autêntica. Em que consiste esta essência autêntica? No que MARX chama a "essência genérica do homem", o fato de êle ser um "ser-espécie".³³ "Ser-espécie" ou antes "ser-genérico" significa de certo modo "ser-univer-

³¹ R. GARAUDY, *De Panathème au Dialogue*, Paris, Plon, pág. 59.

³² Tradução portuguesa (cf. E. FROMM, op. cit.), pág. 97.

³³ A tradução portuguesa de *ser-espécie* parece menos adequada que *ser-genérico* para traduzir a expressão alemã *gattungswesen*; a expressão é a mesma de FEUERBACH para distinguir um ser consciente dos seres vivos não conscientes. A mesma alusão encontra-se igualmente em MARX no mesmo texto. Cf. K. MARX, *Fruehe Schriften*, Cotta-Verlag, Stuttgart, 1962, pág. 568.

sal".³⁴ Esta universalidade parece consistir primeiramente no fato de que pelo seu trabalho, *de direito*, o homem faz da natureza o seu corpo não-orgânico, e pelo mesmo humaniza a natureza.³⁵ A mesma universalidade parece consistir no fato de que o processo de trabalho é social. No ato do trabalho o homem é igual à sociedade, êle é Homem-sociedade.

Na medida em que o trabalho, a atividade transformadora do homem, se realiza de maneira individual e não genérica, não universal, não específica, êle é *alienado* (*entfremdete*), êle separa o homem daquilo que *de direito* êle *deve ser*. O trabalho, em regime capitalista de propriedade privada (3.º Manuscrito), aliena o homem da vida humana, da vida da espécie, do "ser-genérico" que *de direito* êle *deve ser*.

A História deve ser o processo desta desalienação, o processo da conquista necessária da situação de direito de ser-genérico; esta conquista é a revolução, que se apresenta como uma necessidade histórica.³⁶

O primeiro passo da descoberta de seu ser-genérico é feito pelo homem no momento em que descobre que se encontra alienado. A descoberta de sua alienação é uma dupla descoberta; tal é o primeiro passo da História, e o primeiro momento de uma Filosofia crítica.

Para MARX, ser autocriado e ser-genérico são exatamente a mesma coisa. O processo histórico da desalienação coincide com o processo histórico da autocriação. A idéia de *criação* a que se refere MARX não pode ser de forma alguma uma afirmação ontológica. A terminologia de MARX é ambígua.

A afirmação da auto-suficiência do homem e de natureza é uma afirmação ontológica sòmente na aparência de seus têrmos. MARX e ENGELS recusam todo raciocínio ontológico, opondo-lhe o raciocínio "dialético".

MARX pretende sòmente esclarecer uma idéia de ordem sociológica. A sociologia total de que MARX se pretende o

³⁴ *Manuscritos*, tr. portuguesa, op. cit., pág. 99.

³⁵ *Manuscritos*, tr. portuguesa, op. cit., págs 99-100.

³⁶ *Manuscritos*, tr. portuguesa, op. cit., pág. 102.

inventor (nos seus t ermos: uma sociologia radical) apresenta-se como uma esp ecie de metaf isica social. O processo pelo qual MARX concedeu uma dimensão humana, sociol ogica, ao fator econômico, passou pelo rebaixamento do homem ao nível do genérico.   assim que pretende MARX tornar a sociologia uma ciência total, que tome o lugar de tôda a filosofia, e da qual não seja excluído nenhum fato humano universal (genérico). O fundamento de tôda a sociologia de MARX, que   o mesmo que o fundamento da História marxista,   a afirma o da auto-suficiência *genérica* do homem.

No terceiro manuscrito de 1844 MARX parece optar por uma concep o do homem e da natureza, mas trata-se l  de um assunto diferente.³⁷ MARX considera neste caso a autêntica autocria o da terra explicada pela geog nese — a ciência que, a seus olhos, explica a gera o espontânea em nosso plan ta. Quando, porém, fala da cria o do homem o tom muda para uma explica o puramente social: a autocria o pelo trabalho:   no trabalho que se encontra, para MARX, “a prova irrefutável e evidente da sua *autocria o*, de suas próprias origens”. A MARX basta uma afirma o sociológica e histórica: “Como para o socialista, o *conjunto do que se chama história mundial* nada mais   que a cria o do homem pelo trabalho humano, e a emergência da natureza para o homem,  le, portanto, tem a prova evidente e irrefutável de sua *autocria o*, de suas próprias origens”.³⁸ E MARX acrescenta que uma afirma o nada tem a ver com a nega o de Deus nem com qualquer forma de ate simo: tal não passa de uma experiência social, da “percep o *teórica e prática* sensorial do homem e da natureza como sêres essenciais”. Portanto, a terminologia de MARX ao referir-se   autocria o não quer significar nenhuma teoria que chamaríamos metafísica ou ontológica, pelo menos uma teoria conscientemente elaborada. Impl citamente, a História marxista apela para uma auto-suficiência (*celbst ndigkeit*) do homem e da natureza, para a existência por êles mesmos (*durchsichselbstsein*). Ontol gicamente,

³⁷ *Manuscritos de 1844*, tr. portuguesa, op. cit., pág. 132.

³⁸ *Ibidem*, pág. 133.

a natureza e o homem apresentam-se como *elemento absoluto* da história marxista. Neste mesmo sentido ENGELS dirá mais tarde: "Nada existe para além da natureza e do homem, e os seres superiores que a nossa imaginação religiosa criou não são senão o reflexo fantástico do nosso próprio ser".³⁹

Ser-genérico —situação do tempo futuro da História— é sinônimo de *ser-autocriado*; o tempo presente é o tempo do *ser-alienado*. A Revolução é a passagem do ser-alienado do ser-genérico e autocriado; assim se confundem Revolução e História. A História é um fato necessário e absolutamente certificado pela razão crítica; a revolução é uma necessidade que se justifica pelo mesmo processo.

O materialismo histórico não pretende ser uma ontologia, mas uma *sociologia radical*, uma sociologia que estuda a raiz mesma da existência do homem em sociedade, que estuda os fenômenos da alienação do homem em relação à sua essência *de direito*, que não se encontra realizada, mas que a história realizará.

A História, a Revolução é o processo da realização da Liberdade. Não de uma liberdade pessoal, mas de uma *liberdade genérica*, social. É por isso que a História se limita exclusivamente a uma história de classes, a uma revolução de classes. O homem não possui um lugar na História, se não é o igual da classe.

Uma espécie de mística paira sobre esta concepção do Homem e da História; uma religiosidade original envolve o apêlo constante e quase brutal a uma Justiça social que se apresenta como um imperativo histórico; um dogma tenebroso encobre a visão apocalíptica do *Gattungswesen* (ser-genérico).

A questão científica que o cientista social põe, como homem de ciência, a MARX sociólogo radical, parte, como toda questão científica, da experiência. MARX faz apêlo a certa experiência "teórica e prática sensorial"⁴⁰ da genericidade do homem. Em que consiste essencialmente uma tal

³⁹ F. ENGELS, *L. Feuerbach et la fin de la Philosophie classique allemande*, Paris, ed. Costes, 1952, págs. 18-19.

⁴⁰ *Manuscritos*, pág. 138.

experiência? Seríamos reconhecidos a MARX se êle pudesse explicar-se . . . Em sua perspectiva, tal "experiência" é impossível. A única experiência possível é a de um homem em estado de alienação; ⁴¹ a experiência real (materialista) não pode de forma alguma ser a de um homem-genérico, em sociologia, mas somente a do homem-alienado do primeiro manuscrito. O ser-genérico não poderá ser senão uma hipótese; porém MARX pretende ter disso uma experiência fundamental. Além disso, MARX faz apêlo a uma razão projetiva e normativa, desde a sua tese de doutoramento. Mas, que vale tal projetividade em ciência? O processo científico é estranho a êste gênero de fantasias.

2. Uma segunda afirmação do materialismo de MARX, que de certo modo é conseqüente da primeira, é a do condicionamento das formas das relações sociais pelas forças de produção.

O trabalho, como vimos, aparece como a expressão da essência genérica do homem. Ora, trabalho e forma de vida social são dois aspectos de uma única realidade sócio-história.

Vamos deixar de lado os problemas concernentes à questão do determinismo econômico e do voluntariado de classe, de que já tratamos sumariamente.

Na perspectiva da pré-história, as formas das relações sociais indicam-nos as alienações sucessivas do homem. Esta sucessão de alienação é a expressão de um progresso; êste progresso conduziu à alienação última e radical, que é a alienação do homem em regime capitalista de propriedade privada. As alienações são irreversíveis em História.

Ê na crítica a PROUDHON e na *Introdução à Crítica da Economia Política* que MARX elabora êste segundo aspecto do materialismo. ⁴² O que está em causa é essencialmente a compreensão dos desenvolvimentos econômicos e do

⁴¹ Ibidem, pág. 99.

⁴² Cf. *Misère de la Philosophie*, escrito em 1847 em francês. K. MARX, *Oeuvres* ed. Gallimard (Pleyade), I, 1963.

Zur Kritik der politischen Oekonomie, escrito em 1859, tradução francesa em *Oeuvres*, op. cit., págs. 267 e ss.

Carta a Annenkov, escrita em francês em 1846, publicada em *Oeuvres*, op. cit., em apêndice.

desenvolvimento histórico da humanidade.⁴³ A mesma questão aparece sob uma outra forma, a de saber o que vem a ser a sociedade e qual a relação, no seio dela, das *fôrças* de produção às *formas* das relações sociais.

A sociedade é o produto da ação recíproca dos homens, e os homens não escolhem livremente as suas *formas* sociais.⁴⁴ A determinado estado de desenvolvimento produtivo, corresponde tal estado de relações sociais. Esta correspondência apresenta-se, no entanto, como um conflito. A História é o dinamismo progressivo dêste conflito... A base de tôda a História são as *fôrças* produtivas. "A história social dos homens nunca é senão a história de seu desenvolvimento individual, quer êles tenham disso consciência quer não. Suas relações sociais formam a base de tôdas as outras relações."⁴⁵ O conflito da História encontra-se entre as *fôrças* produtivas adquiridas e as formas de relações sociais que correspondem a *fôrças* produtivas já ultrapassadas.⁴⁶

MARX descreve êste condicionamento (êste tipo de relação) nos têrmos seguintes: "Na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; estas relações de produção correspondem a determinado grau de desenvolvimento de suas *fôrças* produtivas materiais".⁴⁷ As *fôrças* materiais que ocasionam o conflito procuram ao mesmo tempo os meios de o resolver;⁴⁸ como êste conflito é *radical*, será o último conflito da sociedade, e com êle termina a pré-história da sociedade humana.⁴⁹ Após êste conflito começa a situação *de fato* do homem-genérico.

A correspondência necessária entre as *fôrças* de produção e as formas sociais fundava a estática social de MARX; a contradição entre êstes dois fatores de existência social funda a dinâmica social.

⁴³ Carta a ANNENKOV (28-12-1846), *Oeuvres*, Paris, Gallimard, (I), pág. 1439.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ *Ibidem*, pág. 1 440.

⁴⁶ *Ibidem*, pág. 1 448.

⁴⁷ *Crítica da Economia Política*, *Oeuvres*, op. cit., pág. 272.

⁴⁸ *Crítica da Economia Política*, *Oeuvres*, op. cit., pág. 273.

⁴⁹ *Ibidem*.

Uma *forma* social entra em conflito com uma *fôrça* de produção quando esta *fôrça* de produção ocasiona uma outra *forma* social. A dinâmica social, no marxismo, está condicionada, por um lado, pelo avanço das *fôrças* de produção e por outro lado pela *tomada de consciência* da *situação de fato* na qual o homem se encontra, em relação à *situação de direito* que o progresso das *fôrças* produtivas lhe mostra. O grau de conflito entre estas duas situações (*de fato* e *de direito*, ou seja: entre uma situação de alienação e uma situação mais radical de alienação, ou ainda, se a *situação de fato* é já a alienação radical, entre a alienação e o estado futuro, de homem-genérico) funda o grau de necessidade do processo histórico, da revolução.

Tal é o segundo aspecto essencial do materialismo. Antes de fazermos a análise crítica dêste segundo ponto, será útil descrevermos o terceiro.

3. Uma terceira afirmação do materialismo, conexa à anterior, consiste em que tôdas as *formas de consciência* são condicionadas por *fôrças* materiais: quer sejam as *fôrças* de produção, quer seja o mecanismo dialético das lutas de classes. O esquema seria o seguinte: as *fôrças* de produção formam a *base* de tôda forma social; esta forma social (conjunto de relações humanas) seria a *estrutura*; as formas de consciência constituiriam a *supra-estrutura*.

A *Ideologia Alemã*, de 1846, é mais que um esquema diretivo do pensamento de MARX. "As formulações vagas do cérebro dos homens são necessariamente os suplementos de seu processo vital material, empíricamente constatável e ligado a pressuposições materiais. A moral, a religião, a metafísica e o resto da Ideologia assim como as formas correspondentes da consciência não conservam por mais tempo a aparência de sua suficiência, de sua autonomia. Elas não possuem história, não possuem desenvolvimento, mas os homens que desenvolvem sua produção material e seu comércio material modificam, ao mesmo tempo que esta realidade que é a deles, igualmente a sua maneira de pensar e os produtos de sua maneira de pensar".⁵⁰ Fazemos notar

⁵⁰ *Ideologia Alemã*, ed. francesa, ed. Sociales, Paris, 1962, pág. 23.

com CL. TRESMONTANT⁵¹ que entre as "representações", "idéias" ou "ideologias" dependentes, condicionadas por forças de produção ou situações de classe (s), MARX não cita nem as matemáticas, nem a lógica, nem a astronomia, nem qualquer das ciências positivas.

Os exemplos dados por MARX são, efetivamente, formas de consciência tributária de condicionamentos históricos materiais. Os marxistas contemporâneos esforçam-se por fazer atenuar a amplidão dos termos de MARX, o que nos parece um trabalho inútil; MARX, *nos exemplos que dá*, parece-nos ter inteiramente razão . . . R. GARAUDY, para descrever o tema central do materialismo histórico, emprestou uma frase de MARX decididamente feliz:⁵² "Os homens fazem a sua própria história, porém não o fazem arbitrariamente nas condições escolhidas por eles, mas dentro de condições diretamente dadas e herdadas do passado".⁵³

O verdadeiro problema sócio-histórico está, porém, em saber que espécie de condicionamento existe. MARX não põe o verdadeiro problema de uma sociologia científica, e por isso mesmo as suas afirmações são gratuitas. O problema agrava-se com a proporção que tais afirmações tomam na carta a ANNENKOV e na *Introdução à Crítica da Economia Política*, de 1859. MARX resume seu pensamento numa célebre frase da Introdução: "Não é a consciência dos homens que determina a sua existência, mas, ao contrário, a sua existência social que determina a sua consciência".⁵⁴ Tal proposição pode ser uma afirmação gratuita ou uma tese provada cientificamente; como pode ser as duas coisas ao mesmo tempo, porque o contexto no qual ela se encontra não é um contexto onde seja clara a atitude crítica que toda ciência exige.

O mesmo problema se põe a propósito das *ideologias*.

O materialismo histórico de MARX não se limita à estática e dinâmica das relações entre forças de produção e

⁵¹ CLAUDE TRESMONTANT, *Les Idées Maitresses de la Métaphysique Chrétienne*, Seuil, Paris, 1961, pág. 126.

⁵² R. GARAUDY, *K. Marx*, Paris, Seghers, 1964, pág. 94.

⁵³ K. MARX, *Le 18 Brumaire de L. Bonaparte*, Paris, ed. Sociales, pág. 13.

⁵⁴ *Crítica da Economia Política*, ed. Gallimard (Pleyade) (I), Paris, pág. 273.

formas sociais, mas ocupa-se também da “supra-estrutura”, das “ideologias”. FOUGEYROLLAS descreve a Ideologia como a consciência que o homem tem de seu ser e de seu comportamento, o conjunto de representações que os homens alimentam de sua vida e de sua história; tais são as doutrinas econômicas, jurídicas, políticas e religiosas, sendo estas duas últimas, no pensamento de MARX e ENGELS, as mais mistificadas. Para MARX, “Ideologia” significa *reflexo*, consciência mistificada; significa uma descrição invertida das relações entre as formas de consciência e as forças materiais que as condicionam. Esta inversão leva a considerar a situação do homem-alienado como uma situação normal, escondendo assim a sua autêntica situação de direito, e de ser-genérico.

O mesmo problema se põe ainda a propósito das *instituições*.

Como a “ideologia”, a instituição faz parte da supra-estrutura da sociedade. Toda instituição é condicionada por forças materiais que se cristalizam; e as mesmas relações das forças produtivas às formas sociais provocam, ao nível da instituição, o mesmo conflito descrito anteriormente. Toda instituição é histórica, condicionada, temporal.

A História, para MARX, é a transformação das situações temporais, um progresso para o equilíbrio dos fatores supra-estruturais e infra-estruturais. Tal perspectiva mostra uma intenção e uma profundidade de vistas, um modelo original para uma filosofia da História que é necessário tentar realizar.⁵⁵

No entanto, a ciência é exigente. As intenções nunca podem, em ciência, substituir-se às exigências críticas — as mesmas exigências que o próprio MARX reivindica. O problema crítico por excelência que se põe ao materialismo dialético consiste em saber *que espécie de condicionamento existe entre a intra-estrutura e a supra-estrutura*.

Para MARX e ENGELS, êste condicionamento parece ser um condicionamento necessário e causal, de tal modo

⁵⁵ JEAN HYPOLITE, *Etudes sur Marx et Hegel*, Paris, Rivière. 1955, pág. 168.

que, eliminada a base, se elimina o reflexo. Tal condicionamento necessário está igualmente implicado na conclusão marxista da necessidade da Revolução, do processo irreversível e unívoco do comunismo.

Os marxistas atuais procuram atenuar a ampliação da perspectiva de MARX, e dar-lhe um nôvo tom. FOUGEYROLLAS explicita que o materialismo histórico recusa conceber a relação entre a *base real* da sociedade e a *ideologia* como uma relação de causalidade unilateral, na qual a *base* não seria senão causa e as *ideologias* não seriam senão efeito. Entre a infra-estrutura e a supra-estrutura não haverá, dêste modo, uma correspondência rigorosa; não existe uma relação unívoca entre as ideologias e as bases. Esta relação seria mais uma *tendência* bipolar de dois fatores, que a expressão da dependência de um em relação a outro. Tôda "ideologia" ultrapassa os fatos, seja antecipando-os, seja seguindo-os.

FOUGEYROLLAS nota certo número de lacunas no seio do materialismo dialético, mas deixa esquecida uma importante, que, aliás, o seu próprio texto sugere. Se *materialismo dialético* se identifica a *História*, temos que nos render à evidência de uma experiência histórica (MARX chamar-lhe-ia pré-histórica) tão velha como o homem: a História não é sômente a sociedade, as classes, a economia, as ideologias, as instituições. Há outros fatores no argumento, no *trama* da História: o progresso, a invenção genial, transformam a sociedade — e os exemplos são numerosos. O dinamismo de uma transformação científica encontra-se, na maior parte das vêzes, num fato imprevisto, único, livre e socialmente indeterminado: a *invenção*. Por outro lado, as formas de consciência que se exprimem em têrmos de ciências exatas não nos parecem condicionadas por fatores estranhos à simples pesquisa científica. Tomemos por exemplo as descobertas no domínio da Biologia, da Astronomia, da Medicina, etc.

Em suma, o quadro lógico do materialismo dialético é primeiramente demasiado estreito para poder conter as dimensões reais da História humana. Onde caberia uma invenção, por exemplo? Em segundo lugar, o que está em causa,

em face de uma crítica rigorosa, é a possibilidade de verificação das teses do materialismo, que pretendem dar a solução última aos destinos da humanidade.

O materialismo histórico —diz FOUGEYROLLAS— só pode ser tomado como *hipótese* de trabalho científico. Se, por ele só, pretende ser *tôda a ciência social*, será recusado em bloco pelos pesquisadores científicos; se se apresenta como uma hipótese susceptível de ser desmentida ou confirmada pela observação, servirá de ponto de partida para a pesquisa sociológica e histórica, o que não quer dizer que não seja preciso abandoná-lo em razão das lacunas ou insuficiências que os fatos mostram existir nêle.

Acrescentamos, por nossa parte, a esta atitude crítica de FOUGEYROLLAS uma precisão: não nos parece ser o materialismo dialético *em bloco* que será pôsto em questão, mas a opção básica de todo o marxismo: *uma visão original do Homem e do seu processo histórico*. Todo o resto do materialismo está condicionado por esta opção fundamental, original. O que está em causa é *uma determinada originalidade*, uma concepção do homem. O marxismo não se pode pretender um humanismo sem primeiro dar uma justificação crítica de sua opção original. MARX “não define nunca em que consiste exatamente a essência social do homem; a ambigüidade neste ponto comporta graves conseqüências para o futuro”.⁵⁶

4. A QUESTÃO DAS CONTRADIÇÕES

Resta-nos examinar a segunda questão básica do marxismo, a questão da *dialética*.

Os marxistas contemporâneos debatem-se com o problema crítico da dialética.

H. LEFEBVRE, por exemplo, considera a “contradição”, que dá origem à dialética,⁵⁷ como um fato *objetivo e real*. Às contradições no pensamento baseiam-se nas contradições da realidade. Tôda a dialética de HEGEL aparece a

⁵⁶ J. HYPPOLITE, *Études sur Marx et Hegel*, Paris, Rivière, 1955, pág. 131.

⁵⁷ H. LEFEBVRE, *Le Marxisme*, Paris, Que sai-je?, págs. 24 e ss.

H. LEFEBVRE baseada na pretensão de que o real é contraditório.

O que, porém, LEFEBVRE se livra de explicar (e com êle hegelianos, marxistas, e outros ainda . . .) é o que vem a ser uma “contradição objetiva”, uma “contradição real”.

À atitude metafísica, que o autor mostra ignorar totalmente,⁵⁸ êle opõe a atitude da “razão dialética”, de uma pesquisa da verdade através das supostas “contradições”.

R. GARAUDY, por seu lado, dá da *dialética* a descrição seguinte: “é o método de pesquisa que permite integrar no pensamento racional o devenir e as contradições que são o seu (do pensamento racional) motor”.⁵⁹ A dialética apresenta-se assim como uma lógica da relação, do conflito, do movimento, enfim da vida e da história. “O próprio do materialismo de MARX, em oposição ao idealismo e à especulação, consiste em renunciar à pretensão vã de modelar as coisas segundo os nossos conceitos, e, ao contrário, modelar modestamente os nossos conceitos sobre as coisas”.⁶⁰ O ponto essencial, porém, consiste em saber se *as coisas* são contraditórias, se o real é dialético. A dialética será justificada quando se justificar que as *coisas* são contraditórias.

GARAUDY descreve algures a dialética não como uma lógica das coisas, mas como uma lógica da relação, o que não parece conforme a HEGEL. “Dizer que existe uma dialética da natureza significa que a estrutura e o movimento da realidade são tais que só um pensamento dialético torna os fenômenos intelegíveis e os torna maleáveis”.⁶¹

Tal afirmação não nos parece conforme a esta outra, duas páginas antes, justificando a dialética como método: “Como é que um pensamento dialético nos daria possibilidade de conhecer um ser que não o seria (dialético) de forma alguma?”.⁶² Nesta indagação GARAUDY afirma claramente já não a lógica da relação mas a lógica *das coisas*.

⁵⁸ H. LEFEBVRE, *Le Marxisme*, Paris, Que Sais-je?, pág. 26.

⁵⁹ R. GARAUDY, *Karl Marx*, Paris, ed. Seghers, 1964, pág. 127.

⁶⁰ *Ibidem*, pág. 137.

⁶¹ *Ibidem*, pág. 141.

⁶² *Ibidem*, pág. 139.

Até aqui limitamo-nos a uma crítica interna da dialética marxista.

Passemos a uma outra crítica que por ser externa não deixa de ser igualmente válida e ao mesmo título de crítica científica.

1. Este termo, "contradição", é negado, em seu conteúdo e em sua significação "objetiva", por qualquer homem de ciência, por qualquer crítico histórico consciencioso. Um homem de ciência empregará termos que significam uma limitação de conhecimentos, uma inadequação de instrumentos de pesquisa, e reconhecerá humildemente a incapacidade de explicar um certo número de fatos. Mas, a contradição não é verificável em ciência.

2. Nenhum dos fatos estudados por MARX pode ser considerado realmente contraditório. Tal classificação é arbitrária, baseando-se em certo fundamento prático que sugere a uma imaginação generosa uma generalização fácil.

MARX faz apêlo a uma terminologia chocante; os termos "contraditórios" fazem parte desta tática livresca. Em seguida, MARX e os marxistas fazem com a generalização fácil uma confusão infeliz. H. LEFEBVRE cita como exemplos de contradições o positivo e o negativo, o ser e o não ser, o proletariado e a burguesia.⁶³ Confundir relações metafísicas com relações sociais, e classificá-las arbitrariamente de "contraditórias", procurar termos literários cujas significações se opõem para justificar um método que se pretende realista (materialista), é uma demagogia literária demasiado ingênua para poder pretender identificar-se com uma Filosofia que se pretende crítica.

Outra questão que pomos à dialética do marxismo é diretamente ligada ao nosso tema, e é dupla:

—Qual o lugar da História na dialética?

—Qual o lugar da dialética na História?

Uma resposta simplista consistiria em dizer que toda a dialética é histórica e que toda a História é dialética, e

⁶³ H. LEFEBVRE, op. cit., pág. 29.

que, portanto, não há, de fato, separação entre êstes dois t ermos. Ponhamos a questão dupla em outros t ermos:

—Qual o lugar da *contradi o* entre o proletário e o burguês, isto  , onde   que ela se situa exatamente? Será que nada mais existe além de “contradi o” entre o burguês e o proletário? Onde se esconde certo condicionamento sócio-econômico que MARX   o primeiro a reconhecer?

Eis a resposta de um marxista que deixamos   compreensão do leitor:

A história humana mostra a interpenetra o e a intera o incessante de três aspectos ou elementos: o elemento *espontâneo* (biológico, fisiológico, natural); o elemento *reflexo* (a consciência nascente, mal determinada no início, todavia já real e eficaz); o elemento *aparente ilusório* (o desumano da aliena o e dos feitiços). S  a análise (dialética) pode discernir êstes elementos, perp tuamente em conflito no movimento real da História.⁶⁴

Será possível encontrar para esta terminologia uma significa o objetiva?

5. O FILÓSOFO E A CLASSE

Como já dissemos, um elemento importante do pensamento de MARX consiste na determina o das *classes*. A divisão da sociedade em classes   o fato mesmo de divisão do trabalho.⁶⁵ Dentre as classes existentes MARX escolhe o proletariado para encarnar a fun o verdadeiramente revolucionária, histórica, que   descrita pela primeira vez nos *Anéis Franco-Alemães*, retomada no *Manifesto Comunista* e lembrada no fim do primeiro volume do *Capital*.⁶⁶

Para MARX, tôda a história da aliena o   a história da divisão do trabalho, do fato que a certos indivíduos se reserva o trabalho “intelectual” e a outros o trabalho produtivo, do fato ainda de haver uma classe de homens que trabalha para satisfazer as necessidades dos outros. A his-

⁶⁴ H. LEFFEVRE, op. cit, pág. 44.

⁶⁵ K. MARX, *Ideologia Alemã*, págs. 54 e 55.

⁶⁶ K. MARX, *Capital* (I), Pleiade, pág. 1240.

tória da luta de classes é a história da divisão do trabalho, a história da propriedade privada, a história da alienação. Tal nos parece ser o sentido das primeiras frases do *Manifesto Comunista*.⁶⁷

A divisão da sociedade em classes possui como panorama de fundo a desalienação do homem; é exatamente o mesmo critério que se encontra na formulação de toda a visão da história de MARX. A correlação é evidente em *Trabalho Saliariado e Capital*: "Uma classe oprimida é a condição vital de toda a sociedade fundada sobre o antagonismo de classes. A emancipação da classe oprimida implica portanto necessariamente a criação de uma nova sociedade. Para que a classe oprimida possa emancipar-se, é necessário que haja uma incompatibilidade entre as forças produtivas adquiridas e as relações sociais existentes. É a própria classe revolucionária que é o maior fator produtivo entre todos os fatores de produção".⁶⁸

A divisão da sociedade em classes obedece ao mesmo critério da descrição do devir histórico, a desalienação do homem. Esta desalienação apresenta-se sob o aspecto de uma revolução total que surge do antagonismo entre as duas classes da sociedade capitalista: o proletariado e a burguesia.⁶⁹ O conflito no seio da história é um conflito necessário, justamente porque a desalienação nos é dada por MARX como um imperativo categórico.

Para além da lógica do conflito entre as forças produtivas e as formas sociais, encontra-se uma motivação que é o *Homem*, o homem da tese de doutoramento de MARX, que se assemelha ao do mito de Prometeu. Êle é o centro da História que obedece à motivação suprema da desalienação prevista em suas modalidades e em seu tempo por uma Razão superiormente livre. O homem-Prometeu exige uma sociedade nova que só pode alcançar por uma revolução cuja forma é original na História. "Esta revolução não é somente necessária por ser o único meio de derrubar a classe dominante, mas sobretudo porque permitirá à classe revolucio-

⁶⁷ K. MARX, *Manifesto*, Pleiade, pág. 161.

⁶⁸ K. MARX, *Pleiade*, pág. 135.

⁶⁹ *Ibidem*, pág. 136

nária limpar tôda a podridão do velho sistema para poder fundar uma sociedade nova sôbre bases novas".⁷⁰

A podridão do velho sistema aparece a vários níveis e segundo critérios diversos, desde a forma de consciência alienada (tôdas as formas de ilusão) até o fato sócio-econômico do mercado-livre. Mas em todos os casos existe um critério último que é a desalienação. Do ponto de vista econômico, encontramos como critério da desalienação a oposição entre possuidores e não possuidores; do ponto de vista psicológico, os trabalhadores opõem-se aos ideólogos; do ponto de vista histórico, o proletariado revolucionário opõe-se à inércia daqueles que se recusam a compreender a História; enfim, do ponto de vista moral, aquêles que se comprazem na ilusão afrontam-se àqueles que tomam uma atitude crítica, racional.

Para uma descrição histórica da *classe social* MARX deveria ter começado por nos propor uma definição sociológica, ou pelo menos deveria ter-nos indicado as vias de uma definição. Porém, o manuscrito do terceiro volume d'*O Capital* termina exatamente por esta questão angustiosa para o sociólogo contemporâneo: "Que é que caracteriza uma classe?" Que esta questão tenha ficado sem resposta é uma infelicidade, escreveu LUKÁCS.⁷¹ "O que choca" — escreve OSSOWSKI — "é que a par do papel importante atribuído ao conceito de classe, nós não encontremos em parte alguma, nem nas obras de MARX nem nas de ENGELS, uma definição desta noção de que êles se servem continuamente".⁷²

Chegamos a ter a impressão de que MARX considera suficiente a análise das *classes* feita antes dêle pelos "historiadores" e pelos "economistas burgueses". "O que eu fiz de nôvo" — escreve MARX — "foi: 1. demonstrar que a *existência das classes* não é ligada senão a *fases de determinado desenvolvimento histórico da produção*; 2. demonstrar que a luta de classes conduz necessariamente à *ditadura do pro-*

⁷⁰ *Ideologia Alemã*, pág. 81.

⁷¹ J. LUKÁCS, *Histoire et Conscience de classe*, Paris, ed. Minuit, 1960, pág. 67.

⁷² OSSOWSKI, *Les différents aspects de la classe sociale chez Marx*, Cahiers Internationaux de Sociologie, 1958, n.º XXIV, pág. 67.

letariado; 3. que esta mesma ditadura é apenas uma transição para a *abolição de tôdas as classes* e para uma *sociedade sem classes*".⁷³

Sua função de filósofo, de intelectual engajado numa obra à escala da humanidade e à medida das exigências da razão, não fica somente nesta demonstração. Isto não basta para realizar o projeto da transformação da sociedade. É necessário que a filosofia penetre no seio das massas para aí encontrar as armas materiais, em complemento das suas, intelectuais.⁷⁴ Esta penetração é igualmente uma função do filósofo. Será então que as massas terão acesso à compreensão de um mecanismo que elas ignoravam, o mecanismo histórico da desalienação, e que lhes diz respeito a título exclusivo. Neste momento podemos dizer que o filósofo deixa de estar separado da massa, e então convém dizer que existe nova estrutura de "massa", feita de um amálgama de proletário (s) mais o (s) filósofo (s). É esta nova massa que constitui, em suma, a classe heterogênea da revolução. A revolução só é possível com essa heterogeneidade composta de proletários e filósofos, de armas materiais e intelectuais.

Na realidade, portanto, trata-se de uma revolução mais complexa do que MARX nos ousa dizer, mas menos proletária do que êle nos tenta insinuar. Se existe uma tomada de consciência, não é o proletário que a exerce, porque êle se encontra alienado, incapaz de aceder ao conhecimento de realidades tão elevadas; a tomada de consciência é o apatnágio de um espírito crítico que só pode ser o do filósofo.

É neste sentido que a responsabilidade do filósofo no seio da classe revolucionária é uma responsabilidade moral. Ela justifica-se, segundo MARX, com o apêlo à racionalidade crítica que o proletariado não possui senão após sua completa desalienação, no termo final da Revolução.

Nesta perspectiva da *presença* do filósofo no seio da massa, da classe, põe-se o problema da demonstração que MARX pretende ter feito. É a questão que lhe põe o filósofo

⁷³ MARX-ENGELS, *Etudes Philosophique*, Paris, ed. Sociales, 1947, página 118.

⁷⁴ K. MARX, *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, Früheschriften, Cotta, pág. 504.

de hoje, o sociólogo de hoje, o homem de ciência de hoje, consiste em pedir uma justificação que é a seguinte: quem nos garante que só MARX, o filósofo, foi contemplado pelo espírito verdadeiramente crítico, autenticamente desalienado?

Pertence ao filósofo julgar os modos de realização, ver além da coerência do discurso, para penetrar no realismo, na objetividade deste mesmo discurso. Pertence ao filósofo ocupar-se da verdade, o que não é de importância secundária, seja qual for o tempo da História.

6. APENDICE

HENRI LEFEBVRE publicou recentemente ⁷⁵ um livro intitulado *Sociologie de Marx*, no qual prossegue seus trabalhos de constante pesquisa sobre MARX, uma pesquisa exigente e apaixonada que é fruto de uma nobre admiração pelo mestre e animada de uma intenção profundamente científica. Este livro do ex-filósofo oficial do Partido Comunista francês quer responder a duas questões: 1. Em que termos deve ser elaborada uma sociologia marxista? 2. Tal sociologia satisfaz as exigências de uma ciência particular?

A essas duas questões o autor diz-nos em conclusão que o pensamento de MARX não basta à elaboração de uma tal ciência, mas representa um momento que foi historicamente necessário à sua gênese.

Ao longo do livro, o autor é levado a tratar dos elementos constitutivos do marxismo: Razão, Praxis, Alienação, Revolução, História, Dialética, Crítica. Todos esses termos põem sérios problemas ao filósofo; por sua vez, o crítico pode exercer sua função desde que os termos são claros, e as opções isentas de ambigüidades. A Razão, por exemplo, possui, para MARX, uma capacidade espantosa: ela não se engana nunca, ela torna o homem livre e senhor do Universo. Para compreender essa linguagem é necessário não esquecer que essa razão é muito particular, a razão exclusiva de MARX que insiste em não ser confundida com outras razões críticas anteriores, mesmo HEGEL e FEUERBACH. A originalidade dessa razão chega ao ponto de implicar a reali-

⁷⁵ H. LEFEBVRE, *Sociologie de Marx*, Paris, PUF, 1966.

zação necessária do que ela elabora: é a isso que MARX chama a *Praxis*. Uma tal necessidade é um fato moral e histórico (até mesmo metafísico) que corresponde às exigências da desalienação; ela justifica-se da mesma maneira que se realiza, ou seja, segundo o processo de um conflito de contradições que é chamado dialético. O termo deste conflito coincide com a supressão da alienação universal, a presença do homem autêntico, genérico, dotado de tal Razão de que MARX foi o primeiro contemplado.

As conclusões de H. LEFEBVRE são dependentes desses problemas de crítica filosófica e histórica. Pertence ao filósofo o pôr a questão: que vale essa arquitetura original? O Filósofo interroga-se sobre a Razão, seus modos de conhecimento e suas funções no agir; êle é obrigado a fazer apêlo às ciências constituídas para preencher as lacunas e mesmo para se apoiar sobre elementos que nos garantam certa objetividade. E depois, o filósofo pesquisa sobre o movimento e o comportamento das massas, do mesmo modo que êle pesquisa sobre o processo evolutivo do universo, dos tempos e da História. O filósofo executa as funções de homem de ciências.

Dêsse modo, procedendo segundo êsse método, o filósofo pode com autoridade legítima pretender determinar as condições de uma sociologia científica: a determinação de tais condições começa por uma análise objetiva dos elementos que compõem as tentativas de sociólogos precedentes. É a êste título que H. LEFEBVRE se ocupa atualmente do problema da sociologia de MARX.

AR. CONDICIONADO
engenheiros
especializados

ASSISTÊNCIA E GARANTIA

Comfort-Air S/A
ENGENHARIA - INDÚSTRIA
COMÉRCIO

RUA WASHINGTON LUIS, 81 - 1º, 2º e 3º - TELEFONES 22-2030 e 22-4